



Limão Rosa

FLORA FIGUEIREDO

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [Le Livros](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la, ou aos que pretendem verificar sua qualidade antes de fazê-lo.

Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e deseja e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

[Le Livros](#)

<http://LeLivros.com>



Flora Figueiredo
Limão Rosa



Copyright © 2011 by Flora Figueiredo
Produção editorial: Equipe Novo Século
Capa: Rodolfo Rezende

Diagramação: Claudio Braghini Junior
Preparação: Patrícia Murari

Diagramação para ebook Janaina Salgueiro
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Figueiredo, Flora

Limão rosa / Flora Figueiredo. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2009.

ISBN: 978-85-7679-274-1

1. Poesia brasileira I. Título

09-09569

CDD-869.91

2011

Direitos cedidos para esta edição à
Novo Século Editora.

Rua Aurora Soares Barbosa, 405 – 2o andar

CEP 06023-010 – Osasco – SP

Tel.: (11) 3699-7107 – Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

Para o Fernão que me fez resgatar:
o banho de chuva
o tatu-bolinha
o catavento
o canto do bambual
a corrida de nuvens
o sapo que não lava o pé
a bruxa embaixo da cama
a caixa de lápis de cor
a receita de torta de maçã

“Há poetas e poetas. Na construção lírica de Flora o verso flui docemente, como se a alma molhasse o papel. É a poesia espontânea, generosa, deslizante, enquadrando pequenas e profundas emoções. A sensualidade fulgura como um apelo sereno de amor e, se se aviva, tende a perpetuar as carências do espírito, sem expor a crueza do desenho meramente sexual. Em verdade, a poetisa sabe economizar, com talento, a vã costura do inconsequente.”

Olavo Drummond

“Flora Figueiredo corresponde a um bom exemplo da poesia que se adentra nos seus mistérios sem estar submissa a regras e formas. ... os poemas poderiam ser comparados às plantas aquáticas que nos permitem ver-lhes as raízes lá embaixo, como que tateando o chão de que se nutrem, para se abrirem em flor aqui no alto, à tona das águas.”

Josué Montello

“... um brinde aos amantes da poesia. Poemas de grande beleza e refinamento; versos livres, de efetiva proficiência poética. Passei os olhos em seu livro, senti-lhe qualidade. Aguardei tempo e com calma li, vivenciando. Você é poeta e seus versos lindos.”

Artur da Távola

“Caminhei de encanto em canto por céus abertos de amor. Você tem o dom de transfigurar o cotidiano em lirismo, de pastorear emoções sobre a lâ das horas. Conviver com seus poemas é sentir escorrer do fruto das palavras o sumo de vivências e procuras.”

Paulo Bomfim

“Flora Figueiredo não atira as palavras na mesa: antes, arruma-as, dá-lhes o

ritmo, a cadência e a rima da tradição. Eleva-as ao plano do artesanato.”

Fábio Lucas

“Louvo sua linguagem despojada e precisa, que indica a poetisa que você é.”

Ferreira Gullar

“... Ela descreve o que vê em sua volta e o que ocorre dentro de si. E o que ocorre em sua volta somente olhos atentos de um poeta podem notar. Somente o olhar preciso de um poeta pode descobrir. A poesia fere e às vezes dói. O poema se faz aos poucos envolvendo a palavra em seu apelo e em sua magia. Em Flora

Figueiredo a poesia flui. Mulher, ela tem direito a tudo e a poesia sabe que é assim. A poesia se deixa levar nesse avental de tardes que ela carrega em sonhos e distâncias.”

Álvaro Alves de Faria

“Tua poesia nasce da vida, cresce com ela, e se expressa na sua fluência, cheia de autenticidade e doçura.

Tens o senso da melodia e da emoção.”

Armando Trevisan

“Terminei de ler *Calçada de verão* e ainda estou em estado de coma para tudo o mais em minha volta. Que encanto que é sua poesia! Acho que sofremos a mesma influência dos simbolistas: antes de tudo, a melodia. É o fascínio pela musicalidade.”

Menalton Braff

1. Rotatória

As placas indicavam o contrário.

A menina dobrou o mapa,

guardou a bússola,

dispensou a lógica,

a máxima, o sextante,

quebrou o molde,

rasgou o formulário,

seguiu adiante.

Preferiu se aventurar no imaginário.



2. Degelo

A estrela de vidro quebra a ponta,
de tanto escrever no infinito,
invernos de faz de conta.



3. Reciclagem

Das marés revoltas, faço melodias
que se reviram soltas no meu carrossel
Com noites perdidas, empino papagaios
pra afastar os raios com dedos de papel
Das pétalas caídas, faço artesanato
pra adoçar o pranto da próxima partida
Com amores cansados, preparo cobertas
às horas desertas de um tempo passado.



4. Reforma ortográfica

- Vó, é Crisântemo ou Crisantemo?
- Tanto faz.
- Mas um tem chapéu, o outro é pelado.
- Isso é injustiça social. Melhor trocar de flor ou você não vai pro céu. Põe Agapanto.
- Tem chapéu?



5. Atração

Uma proposta que arrepia-me os pelos
e me põe à mostra.

Uma proposta que escorre quente
como serpente fluida pelas minhas costas.

Uma proposta de mel e salitre
que por mais que eu evite,
minha pele gosta.



6. Meia-noite

Um trem de medos me atravessa;
rasga meu avesso,
me devassa.
Desembarcam fantasmas que conheço.



7. Metr6pole

Na tarde fr6gil,
um traço branco e reto
risca o horizonte de top6zio.
Passa uma gaivota de concreto.



8. Curativo

Quanto dura uma crise de amor?

Ela tem cura?

Como se estanca o sangue da fissura?

Colam-se os cacos?

Cospem-se os sapos?

Rasgam-se os trapos?

Se houver receita que atenuo o machucado,
quem sabe um dia ainda se veja restaurado
este pobre coração de esparadrapo.



9. Sombras

Meio-dia no alfabeto.

A luz incide, direto.

Uma letra se projeta e fica colada no teto.

O alfabeto se inquieta.

Ao perceber-se incompleto,

propõe de pronto um acerto:

troca-se a letra por um inseto.



10. Bala perdida

Na janela vinha um passarinho que olhava para dentro todos os dias.

No vaso vivia uma camélia que de tão cuidada nem ficava velha.

No alto da porta uma cruz meio torta abençoava a família.

Na ponta do cano tinha uma bala.

Varou o passarinho a camélia a cruz com defeito.

Explodiu o peito no sofá da sala.



11. Gerações

A hora passa.

Na pressa se desmancha,

tropeça

e se destroça.

Vai-se a hora nossa.

O ciclo recomeça.



12. Regência

Rabisco aqui
de próprio punho
o rascunho
de tuas horas que são minhas.
Entreguei à lua
a regência de minhas horas que são tuas.
Pedi-se ao vento
para enganar o tempo com seus assobios
e aos trinados vadios das aves errantes,
que convocassem os passantes
para escutar a nova sinfonia.
Sobre a terra quente e latejante,
despejei bemóis e sustentidos
para germinar no solo a melodia
que rege a vida com a fúria dos sentidos.



13. Roda pião

Olhinhos extasiados,
ele observa o pião
gira-gira acelerado.
Colorido,
o brinquedo se enrola no corpo listrado
e roda como bailarina
a esvoaçar o tule do vestido.
Aos poucos, se cansa,
arrefece,
perde a força,
cessa a dança.
No desencanto dos olhos da criança,
a ciranda do pião
reflete a própria vida:
ao girar em volta de si mesmo,
retorna sempre ao ponto de partida.



14. Desvio

Podemos marcar um desencontro.
Eu mando a carta,
fico sem resposta,
você sai do jogo,
eu faço a aposta,
tentamos a canção, mas desafina;
rezamos a oração, mas descombina,
o beijo desvia e escorrega,
a palavra tropeça e foge à regra,
eu escolho o sol – você a bruma,
voltamos sempre ao lugar-comum.
Eu desajeito, você desarruma,
nós dois: motivo algum.



15. Navegantes

Alto lá!

Alto mar!

Faróis apagados e velas dobradas!

Amor naufragado não pode passar.



16. Desabafo

Dói-me a vida

quando o rastelo passa sobre folhas ressequidas
e deixa sulcos profundos, à espera de semente e água.

Dói-me a vida

pela torrente de palavras vertidas em terra que não medra.

É como empilhar pedra em castelos de nada.



17. Abismo

Preciso sair de mim,
despir-me das vestes que me cobrem de frio.

Preciso deixar o copo vazio,
ver a vela queimar até o fim.

Preciso sair de mim
sem olhar para trás,
para a tarde de alecrim que se desfaz,
contar até três.

Não sei se vale o sacrifício.

Não sei morrer.

Começo outra vez.



18. Fábula

O caracol bem que tentou desencaracolar.
Procurou o bispo,
o juiz,
o capitão,
o presidente da Associação.
Não foi feliz.
Tentou terapia,
mesmo sabendo que o analista sentenciaria:
– a mãe é culpada!
Coitada. Tivesse ela nascido minhoca...
Mãe erra sempre com a melhor das intenções.
Desacorçoado,
o caracol foi procurar a coruja em sua toca,
queria explicações.
Com proverbial sabedoria, ela declarou:
– quem nasceu enrolado,
deu volta sobre volta,
enrolado ficou.



19. Alpinismo

O que importa?

A alma em desconforto,

o eixo torto,

o peito em crise.

A cada escalada, um desacato.

Por tudo que se inventa é que se vive.



20. Aderência

A hera abraça com afincos
o muro sombrio
do outono de zinco.



21. Saravá, Poetinha

Porque a terra está úmida
Porque o céu está limpo
Porque o óvulo vinga
Porque o fruto é vermelho
Porque o favo respinga
Porque a mata respira
Porque o mar espreguiça
Porque a lua é castiça
Porque o barco navega
Porque o vento não nega
Porque o corpo está ávido
Porque o sonho está crédulo
Porque o beijo está cúvido
Porque a poética á mágica
Porque o mágico é lúdico.
E olha que hoje nem é sábado...



22. Sinal dos tempos

Um espantalho avulso
guarda no bolso
pétalas perdidas.
Seu peito de palha triste
acha falta do sabiá
na tarde que farfalha sob o céu de tafetá.



23. Langor

Olhos de corça,
lânguidos e febris,
pálpebras lentas,
folhas de sono.

Assim pousados na frouxidão da noite,
parecem líquidos e servis.

Olhos de corça não têm dono.



24. Desembarque

Pausa para enlouquecer.

Quero descer para rasgar o tempo,
emperrar a máquina,
desatar a corda.

Sei que a roda não pode parar,
mas fico de fora por um momento.
Arranco as vestes e abraço o vento.



25. Caçarolas

Eu me preparo todo dia como se você fosse chegar:
engomo a saia de fustão,
aparo a sobrancelha,
mantenho o decote sem botão,
lixo a unha vermelha,
varro o quintal,
escovo o cão,
podo a azaleia,
tiro a colmeia
que se expande na quina do telhado,
já querendo invadir a casa ao lado,
ponho toucinho na panela de feijão.
Camisola de alça,
lavanda no regaço,
pedra falsa no pescoço,
eu resisto à força do cansaço.
O que é que eu faço amanhã pro seu almoço?



26. País do futuro

Esperançada,
a juventude guarda desejos
na caixa furada.



27. Bolinhas

Escrevi um poema inconsequente,
mas ele ficou esquisito e percebeu.

Aflito, me perguntou:

- cadê meu trema?
- o gato comeu.



28. Poda

No canteiro de mágoas,
a rosa não floresce,
o mato cresce, engole, abafa,
a primavera passa
desapercebida.
No cipó que adere e se entrelaça,
a seiva estanca e morre branca.
Leva com ela outra estação perdida.



29. Equilíbrio

Sou toda
ou sou nenhuma.
Desconheço o ponto de equilíbrio, da moderação.
Talvez ele brote em árvore, no meio do milharal,
cresça só na sombra ou no mar profundo.
Nem sei se é vício criado
ou invenção do mundo.
Para dizer a verdade,
equilíbrio é vício ou qualidade?
Pago meu preço:
quando sou toda, ponho direito e avesso
quarando no quintal.
Se sou nenhuma,
recolho a emoção e a fantasia
e deixo meu coração virar espuma.



30. Rejeição.

Ficou esquecido e abandonado,
como o urso de pelúcia
com olho de botão.
Fez jejum,
bebeu gim,
matou moscas,
ouviu fragmentos de árias toscas,
sangrou os pulsos com fios de solidão.



31. Bodas

No ato nupcial,
os noivos trocam juras
com bolhas de cristal.



32. Farolete

Voa vaga-lume
tua valsa branda,
que eu te ofereço como de costume
o lampião, a varanda e a margarida.
Em contrapartida,
dá-me a inocência e a leveza.
Quero essa ciência de manter a vida acesa.



33. Quando

Quando te amei,
as gaivotas desenhavam guirlandas
sobre velas brancas de alto-mar.
Quando te amei,
os sonetos pingavam adocicados,
pelas velhas fendas do sobrado.
Quando te amei,
a melodia deixava o microfone
para adentrar macia pela noite insone.
Quando te amei,
o tempo desenhava crisálidas
na cadeira vazia de uma tarde pálida.
Quando te amei,
meus olhos molhavam-se nos seus
e as vozes de sopro do vento não pronunciavam adeus.



34. Orla

O espelho do oceano,
os velhos pescadores.

Pétalas de flores em vaso de murano.



35. Incontrolável

Tem dia de manga-rosa
e dia de limão azedo;
tem tempo de gardênia
e tempo de galho seco;
tem hora de salmo
e hora de maledicência;
tem palavra de falar
e palavra de ficar quieta.
É tudo poesia na palma da mão.



36. Vazio

Olhou pela vidraça
e viu a carroça puxar uma manhã sem graça.
Um amor que passou...



37. Ballet

A noite descalça
desenha sonetos
com dedos de valsa.



38. Bagagem

Arrumo a valise para a partida.
É bagagem de pouco peso
porque vai desprovida de vaidade.
Sonhos moldam-se aos espaços disponíveis;
o resto são afetos e saudades.
Dispenso cadeado:
sentimento não é coisa pra se roubar.
Tampouco colo etiquetas,
já que as curvas do meu caminho
nem eu mesma sei onde vão dar.
Uma flor no cabelo,
uma reza no peito,
a cruz companheira,
saio de alma lavada à procura de mim.
Guardo nos olhos as cenas que vivi
e parto em busca de uma tarde de rubi.



39. Negrume

A mágoa chegou de boca grande, esfaimada, mastigando tudo.
Era maior do que a lembrança e a solidão.
Cobriu-se de razão e avançou inclemente.
Mágoa que desliza e chega docemente,
não é mágoa, é queixume;
mas essa era arrasa-quarteirão.
Gravou o ciúme, a traição e o abandono,
com letras de carvão sobre papel-carbono.



40. E agora?

O que é que eu faço
com essa volúpia
que se arredonda dentro de mim
em cornucópia
e destila gotas de mel e de cetim?
Esse ciclone que revira e arrebatá,
entorta a regra, desintegra e quase mata,
faz arruaça, depois passa e vai embora!
O que é que faz um vendaval ensandecido
despejar flores no meu chão adormecido?
E agora?



41. Final feliz

Canta, cantarola
a menina
que faz do vento
o companheiro
que esconde-esconde
atrás da cortina.

Tempestade quando cai,
é mágoa do céu.

– Não fique triste, Jesusinho,
que eu empresto minha boneca,
enquanto a tristeza não seca,
enquanto a chuva desaba.

Mamãe também chora quando descasca cebola,
mas uma hora a cebola acaba.



42. Morro

Na madrugada horrenda, um grito de socorro.
O ponteiro escorrega do relógio
e escreve um necrológio
na página da agenda.



43. Controvérsia

Uma ideia passou por aqui,
redonda e insistente,
como uma lua que chega de repente,
seduz, ilumina e vai embora.
Deixei-a escapar.
Ela explodiu na parede com estrondo,
escorreu vermelha e liquefeita.
Uma suspeita:
será que era ideia ou pernilongo?



44. Corpo estranho

Percebo um corpo estranho
a me rolar pelas entranhas.
Não sei bem onde está:
se no peito, na garganta,
se do lado esquerdo, ou do direito,
às vezes se acomoda,
às vezes se agiganta.
Esse corpo estranho já perdura
o tempo certo de cristalizar.
Se ele veio mesmo pra ficar,
me dê licença.
Preciso de compressa e água benta,
pois se a dor aperta, a febre aumenta,
a terra esquenta sob a trilha dos meus pés.
Quero também a bula detalhada
para não usar a sensação de forma errada,
caso isso seja um novo amor, mais uma vez.



45. Namoro

O carretel que desenrola fios de seda,
alinhava estrelas
sobre o céu de pano de nossas alamedas.



46. Desespero

Todo dia ele atravessa o corredor da morte.

Se der sorte, ele chega.

Se a fome aumentar, ele nega.

Se o medo doer, descarrega.

Se o emprego falhar, desatina.

Cachaça, arruaça, boteco da esquina.



47. Gol contra

Passou pelo amigo, fingiu que não viu;
gostou da piada, nem mesmo sorriu;
tinha muito a declarar, não disse nada;
parou de vez de torcer pelo Brasil.
Saiu da estrada.

Criticou o livro que não leu,
prometeu o brinquedo que não deu,
foi cuspir no prato que comeu.
desprezou a chance que ganhou,
viu a rosa murchar, mas não regou,
decorou o hino e não cantou,
fez o velho cair, não deu a mão,
com a manchete do jornal, limpou o chão,
viu o vento levar, sem reagir,
o arco-íris que é da bolha de sabão.
Ao tomar um gol, não brincou mais,
mirou pra frente, vacilou, andou pra trás.



48. Ao relento

No olho da rua,
a verdade é nua, crua, abusada.
No olho da rua,
não se esconde nada,
não se tem cantos, gavetas,
alçapões, caixas pretas,
ou velhos porões debaixo da escada.
Sem esconderijo atrás da cortina,
apenas os passos que pisam esquinas,
amassam saudades na pedra molhada.



49. Abecedário

De vez em quando ele vem,
deposita uma palavra na minha caixa de emoções
e se encaminha para a porta de saída.

É sempre assim;
uma sedução, uma partida.

Entorno a caixa de verbetes pelo chão,
na esperança de uma frase coerente,
mas o verbo conjuga erradamente
uma história de amor sem solução.



50. Nuvens

No céu de crepom
o azul se aconchega
em flocos de edredom.



51. Estações

Prefiro assim,
quando a primavera fica irreverente
e chega com a flor na hora errada.
Tem coisa melhor do que rosa inesperada?



52. Volúpia

Hoje, preciso de um poema, mais do que nunca.
Que ele seja vitaminado,
tufão e ventania,
clarão e meio-dia,
açúcar e flor-de-maçã.
Que ele traga o cheiro de manhã molhada,
as virilhas úmidas,
o sangue em brasa.
Que lambuze com rimas minha casa,
as veias, a pele,
este coração inoperante.
Hoje, preciso mais do que nunca de um poema
de boca molhada e verso latejante.



53. Sé

Em seu traje social,
uma andorinha faz verão
sem nenhum constrangimento,
a despeito das regras do convento,
no sino da Catedral.



54. Restolhos

A boneca de olhos de vidro
rasgou seu vestido,
empoeirou no canto.
Deitaram-se a seu lado
uma caneta seca e um bandolim de espantos.



55. Lacunas

O que não falei, tombou dentro de mim como um pássaro sem asas.

O que não cumpri, ressecou na soleira do sol.

O que não cantei, silenciou no lírio de cristal.

O que não dancei, evaporou na espiral da brisa.

O que não li, afastou-se no barco de papel.

O que não escrevi, desidratou o verbo no varal.

O que não ousei, diluiu-se na água estagnada.

O que não protestei, anulou-se na bandeira abandonada.

O que não amei, desfez-se sem adeus, não deixou nada.



56. De poeta e louco

Minha mão não obedece ao comando
e sai rabiscando pelas páginas em branco.
Tento manter as linhas,
respeitar as margens,
guardar espaços.
As bobagens que eu faço,
essa mão assina, como se fossem minhas.



57. Trompe-l'oeil

Pensei que o céu fosse azul até na Índia, na África, no Iraque, no Afeganistão.

Pensei que os sinos só repicassem alegrias.

Pensei que o verde fosse definitivo.

Pensei que os anjos sempre dissessem amém.

O mundo é um desajustado.

Eu também.



INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.

